



LIBERDADE

ANO 13
Nº 120
SET-OUT/2003

INFORMATIVO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO - FARJ
farj@riseup.net Cx. Postal 14.576 - CEP 22412-970 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil
Reuniões do CELIP todas as terças, 19h, no IFCS/UFRJ, Lgo. de São Francisco, 1(pátio) - Centro - Rio/RJ
Biblioteca Social Fábio Luz, sábados de 9h às 16h, Rua Torres Homem, 790 - Vila Isabel - 9397-1941

UM ANO IGUAL AOS OUTROS

Ao fazer uma análise desse primeiro ano de Lula na presidência, o *ex-capra preta* petista Cid Benjamin afirmou que o governo atual, como os anteriores, é escravo de uma macroeconomia de curto prazo, que se alimenta do próprio fracasso, ou seja, um modelo econômico perverso que se justifica pela necessidade de gerir uma crise que ele mesmo ajuda a eternizar. Enquanto o “cachorro vai mordendo o próprio rabo”, os ideólogos governamentais tentam nos fazer acreditar que o único rumo possível é este, e que a aposta na continuidade desse projeto (neoliberal) deve ser sempre dobrada, pois sempre alguma coisa ainda poderá ser feita para que o cachorro, finalmente, siga em frente.

O PT, ao tomar o poder, jogou fora a máscara e finalmente assumiu seu lugar de direito ao lado dos outros partidos políticos burgueses, conforme demonstrado em documento internacional assinado por grandes nomes da luta social de vários países, entre os quais o pensador e ativista libertário Noam Chomsky. Parte de seus militantes, aqueles que um dia acreditaram na construção de um “partido socialista, democrático e de massas” (lembram disso?), seguem atordoados e incrédulos, do mesmo jeito que os comunistas marxistas-leninistas ficaram após o muro de Berlim ter caído na cabeça deles.

Antes de completar um ano no poder, o partido em uma reunião que custou R\$150.000,00 em um hotel 5 estrelas, expurgou dos seus quadros os tão inconvenientes radicais. Mas que radicais são esses que propunham tão somente um capitalismo mais eficiente, onde o Estado investisse mais em infra-estrutura e serviços; que as taxas de juros fossem inferiores aos ganhos na produção, ou que houvesse melhores condições para que os empresários gerassem mais empregos?

Pois é, aquele partido que nos início dos anos 80 se dizia a “ferramenta para a organização da classe trabalhadora”, comeu do melado, se lambuzou e gostou. Jogou na latrina a sua antiga “utopia socialista” e aceitou sem sequer ficar enrubescido as regras da economia de mercado internacionalizada e o “nosso” capitalismo dependente e atrasado.

É de se notar que se, para os assim chamados radicais, prepondera todo o rigor do centralismo “democrático”, ou seja, todo o centralismo e nenhuma democracia, no melhor estilo leninista-stalinista, para os mais legítimos representantes dos interesses das mais corruptas oligarquias (Sarneys, Calheiros, etc) e burguesias (Maluf) a conversa já é outra, sendo a flexibilidade total, com a promessa de futuros cargos no governo.

Muita gente começa a constatar que não vem ocorrendo apenas a continuidade do modelo neoliberal que arrastou a América Latina para o buraco, mas um aprofundamento deste. Desde o início de

2003, bem mais que 1 milhão de pessoas ficaram desempregadas e a renda média real dos trabalhadores despencou em mais de 15%. Foram taxados os aposentados e arrojados ainda mais os servidores e os trabalhadores em geral, através das reformas da Previdência e Tributária. Enquanto isso, o mesmo governo que colocou no Banco Central o ex-presidente do Banco de Boston, paga mensalmente mais de US\$12 bilhões de juros sobre a dívida pública, subsidia as multinacionais que compraram as empresas privatizadas e trata o FMI com a mesma deferência que o governo anterior o fazia.

Mas seríamos injustos ao afirmar que o governo PT nada fez para conter o desemprego. Fez sim! Arrumou algumas dezenas de milhares de “boquinhos” e “sinecuras” para os seus quadros e militantes na máquina estatal.

Na área social, o que vimos foi muito marketing e pouco investimento. O *Fome Zero*, o mega-projeto de transferência de renda do “Tony Blair tupiniquim”, embasado numa mistura de caridade e assistencialismo, ficou só na expectativa (que não foi pouca).

Na área de meio ambiente, a grande vedete foi a medida provisória editada pelo governo, pressionado pelo poderoso setor do agrobusiness e pelas multinacionais de biotecnologia, liberando o cultivo e comercialização dos organismos geneticamente modificados. A Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, a princípio contrária, baixou a cabeça e engoliu o sopo transgênico imposto pelo Comitê Central petista (Lula/Zé Dirceu/Palocci/Gushiken), que a despeito da transgenia política que o torna cada vez mais indistinguível do PSDB, ainda mantém intactos os gens do centralismo democrático. Mas a ministra não ficou sozinha, visto que a inexistência de um debate sobre tema tão polêmico e complexo, fez toda a sociedade acompanhá-la nessa refeição indigesta.

Nós anarquistas, que nunca acreditamos na possibilidade de mudanças no sistema político-econômico vigente a partir de líderes iluminados ou de partidos políticos, mesmo aqueles ditos de esquerda, não somos profetas. De profeta já nos basta o Lula, que acredita que vai levar o povo brasileiro à terra prometida, só que, sua marcha, não sai do lugar. É uma espécie de “Moisés estacionário”.

Somos, sim, lúcidos o suficiente para afirmar que qualquer mudança nesse sistema iníquo, da mais imediata até a mais profunda e revolucionária, só virá do povo organizado, autônomo e solidário.

Organizemo-nos, pois há muito a ser feito para que este mundo velho balance e desapareça. A utopia não é algo impossível, mas, sim, algo que construiremos cotidianamente através de nossa luta.

Anarquismo é luta, ética, compromisso e liberdade!

**“Não há nada mais poderoso do que uma idéia
que chegou no tempo certo”**

Victor Hugo

KROPOTKIN REVOLUCIONÁRIO

“A expropriação é uma necessidade”

A frase acima serviu de epígrafe a todas as edições de *O Protesto*, segundo jornal anarquista a circular no Rio de Janeiro, entre 16 de outubro de 1899 e 26 de julho de 1900. Ao se definir como “periódico comunista-livre” (hoje diríamos “comunista libertário”), os companheiros que o produziam estavam procurando indicar sua concordância com o pensamento e a prática do autor daquela sentença que os inspirava: o anarco-comunismo.

No momento histórico em que *O Protesto* circulou Piotr Alexeievitch Kropotkin (1842-1921) era (como continua sendo até hoje) referência obrigatória no movimento anarquista internacional, não só por ter lançado em suas obras os fundamentos básicos de grande parte do ideário que iria nortear a história do anarquismo em seus desenvolvimentos subsequentes, mas também pela dedicação integral de sua vida à causa da Revolução Social. No mesmo ano em que *O Protesto* apareceu (1899) Kropotkin publica suas *Memórias de um Revolucionário* em que revela uma existência como poucas, voltada tanto para a ação quanto para a reflexão.

Seria difícil a alguém, na época de seu nascimento, na década de 1840, prever seu futuro como rebelde¹. De sangue azul, podendo traçar sua genealogia desde a Idade Média quando seus antepassados foram príncipes de Smolensk, seu pai era um severo general detentor de grandes propriedades rurais e urbanas. Órfão de mãe, cedo descobriu a bondade dos servos, companheiros de sofrimento sob a tirania paterna. Pajem do czar, destaca-se no combate a um grande incêndio em Moscou e pede, ao se graduar, que seja mandado como oficial para um longínquo regimento na Sibéria, onde efetua notáveis trabalhos de exploração geográfica. Também ali, em contato com exilados políticos conhece a obra de Proudhon e observa como a colonização efetuada em bases de livre acordo pela seita religiosa dissidente dos Doukhobor produz mais resultados do que aquela que era promovida pelo governo. Em 1866 o testemunho de brutal repressão à revolta de exilados poloneses fez transbordar a gota d'água de sua indignação contra a autocracia russa.

Dando baixa do exército, Kropotkin vai para S. Petersburgo, onde se inscreve na universidade e vive frugalmente com o pequenos pagamentos recebidos por trabalhos realizados para a Sociedade Geográfica. A partir de 1871 seus méritos levaram a que aquela Sociedade o convidasse para integrar seus quadros, o que recusou, pois resolvera se dedicar a atividades revolucionárias. No ano seguinte passa uma temporada na Suíça, onde convive com intenso movimento social de Zurich e Genebra e especialmente com os relojoeiros do Jura, seguidores de Bakunin na Associação Internacional dos Trabalhadores. Mais tarde lamentará não ter conhecido pessoalmente Bakunin, que então se encontrava em Locarno, pois foi “Bakunin que ajudou os camaradas do Jura a por em ordem suas idéias e a formular suas aspirações; foi ele quem lhes comunicou o seu entusiasmo revolucionário, poderoso, ardente, irresistível. (...) Bakunin foi a Locle, onde passou dias e noites inteiras com os seus novos amigos, conversando sobre a necessidade histórica de dar um passo a mais no caminho do anarquismo”.² De volta à Rússia integra o Círculo Chaykovsky que desenvolvia trabalho de educação e propaganda entre o povo russo. Preso em 1874 em consequência de suas atividades, passa dois anos na fortaleza de S. Pedro e S. Paulo onde quase duas décadas antes também já estivera encarcerado Bakunin. Depois de uma fuga espetacular em 1876, volta à Suíça onde reata relações com os militantes do vale do Jura. Já completamente reintegrado nos meios anarquistas e com a cabeça a prêmio pelas autoridades russas, foi eleito, em 1877, secretário de correspondência internacional do movimento na Suíça, sendo delegado ao último congresso da Internacional libertária realizado na Bélgica e, logo a seguir, ao Congresso Socialista Internacional em Ghent, de onde conseguiu escapar à prisão pela polícia belga. Antes do fim deste ano, com outros anarquistas, criava grupos do que seria a origem do movimento anarquista em Paris. Com a prisão de Andrea Costa é obrigado a fugir para a Suíça onde com o médico Paul Brousse edita até 1878 o jornal anarquista *L'Avant Garde* contrabandeado para a França e ali distribuído clandestinamente, uma vez que as atividades

de esquerda eram proibidas na França em decorrência dos eventos da Comuna de Paris alguns anos antes. Com a prisão de Brousse, Kropotkin funda *Le Revolté*. Nesta publicação, o mais influente jornal anarquista daquela época, assim como no seu sucessor *La Revolte*, Kropotkin é o único redator, escrevendo uma série de artigos cujo objetivo era o de estabelecer campos para a atividades práticas na Internacional. Os textos ali publicados virão a compor seus dois primeiros livros, hoje grandes clássicos do anarquismo: *Palavras de um Revoltado* e *A Conquista do Pão*. Em 1880, durante o I Congresso da Federação Jurassiana, Kropotkin expõe com Elisée Reclus e Carlo Cafiero os princípios do anarco-comunismo, idéia que segundo alguns autores remontaria ao século XVI, convencendo-a a aceitá-la como sua doutrina econômica.

Após participar do Congresso Internacional Anarquista de Londres em 1881, Kropotkin volta à Suíça, onde não permanece por muito tempo, sendo expulso para a França, onde depois de algumas semanas volta à Inglaterra. Regressou à localidade de Thonon perto da fronteira suíça, onde se estabeleceu em 1882. Sua fama de teórico do anarquismo e o fato de que sua volta à França coincidiram com explosões da luta social no Maciço Central Francês levaram à sua detenção pelas autoridades francesas no final daquele ano, no contexto de uma vasta conspiração policial contra os anarquistas.

A 3 de janeiro de 1883 ele e mais 53 companheiros de idéias compareceram perante o tribunal correcional de Lyon sob a acusação de pertencer à Internacional, uma organização proibida na França depois dos acontecimentos da Comuna de Paris. Usando o julgamento como tribuna para fazer a propaganda das idéias libertárias, Kropotkin foi condenado a cinco anos de prisão, dos quais cumpriu três, tendo contraído malária e escorbuto na prisão. A pressão popular e o protesto de intelectuais de renome internacional da época fizeram com que fosse solto em 1886. Mudando-se para a Inglaterra, onde morou até 1917, Piotr Alexandrovitch contribuiu decisivamente para a fundação do periódico *Freedom* (“única publicação anarquista durável da Inglaterra” – George Woodcock) e algumas publicações de emigrados russos. Alguns dos anarco-comunistas mais próximos a Kropotkin são os primeiros a perceber as potencialidades do anarco-sindicalismo e do sindicalismo revolucionário, que proporcionarão ao anarquismo emergir do isolamento a que fora submetido desde a feroz repressão que seguiu à



Comuna de Paris³. Assim é que Jean Grave participa de Congresso Socialista em outubro de 1879 como delegado da Câmara Sindical dos Operários Sapateiros de Marselha⁴ e que Emile Pouget (julgado com Kropotkin no processo dos Trinta) em outubro de 1893 começa a escrever a favor da entrada em geral dos anarquistas nos sindicatos, resgatando-os da ação política institucional. Tal ação é decisiva para que outros anarquistas como Paul Delesalle, Joseph Tortellier (anarquista e sindicalista desde 1884) e principalmente Fernand Pelloutier possam começar a moldar efetivamente a prática e a teoria do anarco-sindicalismo. Nesta tarefa são facilitados pela publicação de seus artigos na imprensa anarquista, recém saída da clandestinidade na França, basicamente por *Les Temps Nouveaux*, dirigido por Jean Grave e continuador do *Le Revolté* e do *La Revolte*⁵.

Como se vê a vida militante de Kropotkin nada teve de monótona ou estagnada, mas sim de uma total dedicação à luta libertária. Mas neste segundo momento de sua vida, por força de seu estado de saúde, ele passa a se dedicar mais à elaboração de algumas idéias-chave que serão o principal lastro da filosofia anarquista até o dias de hoje. Em 1885 e 1892 são lançados livros seus que, já foi dito, contém coletâneas de artigos que publicara no *La Revolte* e *Le Revolté* (*Palavras de um Revoltado* e *A Conquista do Pão*). Em 1899 as *Memórias de um Revolucionário e Campos, Fábricas e Oficinas*. Em 1902 aparece *O Apoio Mútuo*, em que contrapõe às teses de darwinismo social de Tomás Huxley (“onde é patente a influencia de Rousseau” – segundo um autor anarquista como George Woodcock)⁶ que pregava que na sociedade como na natureza os mais fortes vencem os mais fracos em uma eterna luta pela sobrevivência,

1. Os principais dados biográficos de Kropotkin contidos neste texto foram retirados de KROPOTKIN, Piotr. *Em torno de uma vida, memórias de um revolucionário*. Rio de Janeiro/São Paulo, Livraria José Olympio Editora, 1946. E de WOODCOCK, George. *O Anarquismo, histórias das idéias e dos movimentos libertários*. Lisboa, Editora Meridiano, 1971.

2. KROPOTKIN, Piotr. *Op. Cit.* p.273

3. Ver depoimento de Ferdinand Pelloutier, o anarquista que a partir de 1895, até sua morte prematura no início do século XX foi secretário das Bolsas de Trabalho em MAITRON, Jean. *Ravachol et les Anarchistes*. Paris. Julliard.1970.p.10

4. DOLLEANS, Édouard. *Historia del movimiento obrero 1871-1920*. Tradução de Diego Abad de Santillán, Bilbao, Zero S. A., 1973, p.23

5. MAITRON, Jean. *Op. Cit.* p. 15 e 122-123

6. WOODCOCK, George. *Op. Cit.* p.225

demonstrando através da citação de espantosa quantidade de fatos que as espécies animais, inclusive a humana, que mais prosperaram foram as que praticaram a ajuda mútua para com seus semelhantes e que os momentos de maior progresso na história da humanidade foram aqueles em que instituições (os Estados, as Igrejas) e classes predatórias (a aristocracia, a burguesia) estavam em baixa. Em 1903 lança o ensaio *O Estado*, em 1905 saem os *Ideais e Realidades na Literatura Russa*, série de palestras que havia pronunciado nos Estados Unidos e em 1909 sua bem documentada história d'*A Grande Revolução Francesa*. Em 1912 lança *A Ciência Moderna e o Anarquismo* onde, ao iniciar o exame das principais idéias filosóficas, científicas e sociais geradas no decorrer do século XIX para chegar ao libertarismo, comenta que "originariamente o anarquismo não procede de uma determinada descoberta científica nem assenta em um sistema definido de filosofia (...) o anarquismo originou-se do povo e só conservará a vitalidade e força criadora que lhe são inerentes enquanto se mantiver com a sua peculiaridade de movimento popular"⁷. Em outro texto, sobre as minorias revolucionárias complementa este conceito ao afirmar que se a : "a anarquia e o comunismo fossem o produto de especulações filosóficas feitas no remanso de gabinetes por sábios certamente estes dois princípios não encontrariam eco. Mas estas duas idéias nasceram no seio do próprio povo. São enunciado do que pensam e dizem operário e camponês quando, uma vez saídos da rotina cotidiana, se põem a sonhar com um futuro melhor"⁸. Neste mesmo texto, de acordo com a interpretação de Maurício Tragtenberg, Kropotkin procura dizer que "aqueles que representam de fato uma idéia nova sempre são uma minoria, grupos que enfrentam o poder do Estado. Enquanto grupo organizado, as minorias se mantêm até a insurreição revolucionária, quando se transformam em maioria se representarem a verdadeira expressão das ações populares e se - outra condição essencial - a revolução dura tempo suficiente para que a idéia revolucionária possa espalhar-se, germinar e dar os seus frutos"⁹. Ao final de sua vida Kropotkin trabalhava na sua *Ética*, publicada postumamente (1924) onde analisava as diversas concepções que a humanidade elaborou a respeito do assunto, mostrando que esta procura sempre guiar-se por valores maiores.

A partir da década de 1890 Kropotkin começa a desenvolver os que serão seus dois erros básicos em meio a uma existência totalmente voltada para a militância e a elaboração teórica do anarco-comunismo tal como hoje o entendemos. Em 1891 em um discurso sugere que o Anarquismo possa vir pelo "amadurecimento da opinião pública"¹⁰. Anos mais tarde, ao estourar a Primeira Guerra Mundial, pronuncia-se a favor dos Aliados, considerando que o imperialismo alemão seria, dentre os existentes naquele momento, o mais nocivo aos povos. Sua formação cultural como russo talvez explicasse tal atitude, em vista do que o povo russo sofreu historicamente nas mãos dos opressores germânicos desde as cruzadas dos Cavaleiros Teutônicos na Idade Média (ver o filme *Alexandre Nevski* de Einsestein) até os czares Romanoff que eram príncipes germanizados por força de casamentos sucessivos com membros das famílias nobres germânicas. Ou do que, mais tarde os nazistas, corando um processo histórico iriam fazer com seus *einsatzgruppen* (grupos de extermínio) das SS percorrendo o território russo ocupado e chacinando populações inteiras dentro do critério de que aquele era um "espaço vital" a ser ocupado por elementos da raça germânica e não por membros da "escória eslava".

Isolado pela maior parte do movimento anarquista internacional que era visceralmente contra a guerra, o fato é que Kropotkin não perdeu seu prestígio como grande referência do anarquismo em todos os quadrantes do mundo. E a prova é que sua volta à Rússia após a derrubada do czarismo em fevereiro de 1917 é acompanhada com emoção pela figura maior do anarquismo na Revolução Russa: ninguém menos que Nestor Maknó que, anos mais tarde na França, seria um dos elaboradores do Programa Plataformista de organização anarquista. Relata Maknó que em vista da notícia da chegada de Kropotkin a Petrogrado "um contentamento indescritível apoderou-se de nosso grupo (em Gulai Polé, na Ucrânia). Foi organizada uma reunião geral inteiramente consagrada a debater a questão: "o que nos dirá nosso venerável ancião Petr Alexievitch?" "Redigi cartas de boas vindas - diz ainda Maknó - em nome de nosso grupo de Gulai - Polé e a enviei para P.A. Kropotkin."

Maknó e seus companheiros preocupavam-se em como fazer a expropriação, ou seja "qual é o caminho, e quais são os meios para apoderar-se das terras e para, sem ter que se submeter a nenhuma autoridade, expulsar os parasitas ociosos, que vivem às nossas custas

no bem estar e no luxo?" Consideravam eles que "a resposta tinha sido dada por Kropotkin em sua obra *A Conquista do Pão*". Reconheciam, por outro lado, que se "a idade avançada de Kropotkin lhe impedisse de tomar parte ativa na Revolução e de dar um impulso novo a nossos camaradas das cidades, o campo escravizado cairia definitivamente sob o domínio dos partidos políticos e do Governo Provisório. Isto significaria o fim da Revolução."

"Nenhuma notícia nos chegava de Petrogrado" - diz Maknó - "nós continuávamos a não saber como Kropotkin iria considerar o papel de nosso movimento dentro da Revolução(...)" enquanto estávamos ocupados com essas transformações puramente de forma abria-se em Moscou, no dia 14 de agosto, a Conferência Democrática Pan Russa, em cuja tribuna via-se aparecer nosso querido e honrado camarada P.A. Kropotkin. Nosso grupo comunista-anarquista de Gulai - Polé ficou consternado com essa notícia, apesar de compreender muito bem que nosso velho amigo, depois de tantos anos de labor, constantemente exilado e exclusivamente preocupado em seus dias de velhice de idéias humanitárias pudesse dificilmente agora, que tinha voltado para a Rússia, recusar seu auxílio a essa conferência"

"Condenamos dentro de nós nosso velho amigo por sua participação nessa Conferência, imaginando ingenuamente que o antigo apóstolo do anarquismo revolucionário se transformava num velho sentimental, aspirando à tranqüilidade e procurando forças para aplicar, pela última vez, seu saber à vida. Mas essa censura permaneceu tácita, e nunca ficou conhecida de nossos inimigos, pois, no mais profundo de nossa alma, Kropotkin continuava sendo para nós o maior e o mais forte teórico, o apóstolo do movimento anarquista. Sabíamos que, não fosse sua idade, ele se teria colocado à frente da Revolução Russa e teria sido o chefe incontestado da anarquia. Tínhamos ou não razão? A verdade é que nunca discutimos com nossos inimigos políticos sobre o problema da participação de Kropotkin na Conferência Democrática Pan-Russa de Moscou"¹¹.

De acordo com Louis Fischer, biógrafo de Lenin, "em março-abril de 1918, depois que a Alemanha assinou o tratado em separado de Brest-Litovski com a facção da Rada Central, as tropas austro-húngaras ocuparam a maior parte da Ucrânia, incluindo Gulai-Polé. Maknó, à procura de mais armas dos bolchevistas, não tentou voltar (a Gulai-Polé, sua cidade). Dirigiu-se ao sudeste para Taganrog, onde compareceu a uma conferência de comunistas anarquistas(...)". Ali resolveu-se pela retomada de Gulai-Polie na época da colheita no fim do verão. Foi decidido que Maknó, nesse ínterim, daria uma volta pela Rússia para observar a Revolução..

"A 13 de abril de 1918 - diz Fischer - a Cheka lançou-se sobre os grupos anarquistas de Moscou com o fim de suprimi-los. Muitos anarquistas foram presos, outros passaram à clandestinidade. Maknó procurou-os, tentou convencê-los de que a tradicional hostilidade anarquista à organização era a causa de sua fraqueza; precisavam transformar-se em partido. O príncipe Peter A. Kropotkin, que conhecera o interior das prisões czaristas e francesas vivia na época em Moscou (...) Maknó entrevistou-se com ele. Kropotkin tinha 76 anos, mostrava-se desapontado com a Revolução, desiludido com Lênin. Maknó interrogava o gigante que afundava. "A todas as perguntas que lhe fiz recebi respostas satisfatórias"(os negritos são meus) foi o resumo lacônico feito por Maknó da troca de idéias. Quando falou a Kropotkin de seu propósito de retornar à Ucrânia para conduzir uma atividade revolucionária entre os camponeses, o autor de *Memórias de um Revolucionário* absteve-se de aconselhar e chamou a atenção para os riscos. Na despedida, o velho disse para o jovem combatente: "o auto-sacrifício, força do espírito e da vontade no caminho do alvo projetado tudo conquista. Essas palavras falaram ao coração de Maknó; ele possuía uma força de vontade ilimitada"¹².

Kropotkin morreu em 8 de fevereiro de 1921. Segundo o historiador do anarquismo George Woodcock "um cortejo com mais de sete quilômetros acompanhou o féretro através das ruas de Moscou; era a derradeira manifestação dos amantes da liberdade contra os bolchevistas". No Brasil, sua obra levou Florentino de Carvalho e Astrojildo Pereira, entre outros, à militância anarquista e inspirou um belo texto de análise a Fábio Luz. Era também o escritor anarquista favorito do grande escritor libertário carioca Lima Barreto, na pele de Bogóloff, anarquista russo imigrado para o Brasil, que considerava *O Apoio Mútuo* uma obra prima assim como do poeta anarquista de Santos Martins Fontes, que cantou, com muito acerto e verdade, "Glória a Pedro Kropotkine, Cavaleiro da Liberdade"¹³.

M. Lopes (FARJ)

7. KROPOTKIN, Piotr. *O humanismo libertário e a ciência moderna*. Rio de Janeiro. Editora Mundo Livre, s.d.p.11 O título da obra foi alterado nesta edição brasileira de *O anarquismo e a ciência moderna* para tentar iludir a ditadura militar.

8. KROPOTKIN, Piotr. *Textos Escolhidos*. Porto Alegre, L & PM Editores, p. 34. Seleção de Maurício Tragtenberg

9. TRAGTENBERG, Maurício introdução a KROPOTKIN, *Op. Cit.* p.7-8

10. WOODCOCK, George, *Op. Cit.* p.219

11. MAKHNO, Nestor. *A "revolução" contra a revolução*. São Paulo, Cortez Editora, 1988, p.113-120

12. FISCHER, Louis. *A vida de Lenin*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967, v. 2, p.520-522

13. Citado em RODRIGUES, Edgar. *Socialismo e Sindicalismo no Brasil 1675-1913*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1969. p.206

Os Crimes do Estado Não Prescrevem

Antes que o ano se acabe é importante comentar, principalmente em um informativo libertário, a obra do advogado Wilson Luiz Darienzo Quinteiro *Ex-Presos Políticos: o Direito à Indenização Perdura!*, lançada em 2003 pela JM Editora de Curitiba. O autor, que já milita há alguns anos na defesa dos direitos daqueles que foram vítimas da ditadura militar, instalada no país a partir do golpe de 1964, graduou-se em Direito pela Universidade Estadual daquela cidade do Paraná de onde também é originário. O juiz federal Fernando Quadros da Silva, mestre em Direito pela Universidade Federal do Paraná e professor de Direito Constitucional destaca no prefácio da obra que “alguns dos mais diletos filhos e beneficiários primeiros do regime ditatorial ainda perambulam com desenvoltura pelo cenário político nacional. A sociedade, é certo, em muitos casos se omitiu mas os lamentos dos perseguidos políticos insistem em não calar. Enfim, é preciso resgatar informações, esclarecer fatos, ouvir os lesados, seus familiares, não para reabrir feridas, mas para trazer à luz aspectos até agora não revelados. A sociedade brasileira está madura para enfrentar esta dolorosa temática sendo que somente o conhecimento pleno do que realmente se passou poderá impedir a repetição de tão lamentáveis violações da condição e da dignidade humana”.

Quinteiro baseia a argumentação jurídica de seu livro em uma constatação muito cara e básica para os anarquistas. Segundo suas próprias palavras: “a vida, a honra, a integridade física/psíquica, a liberdade, dentre outros, são atributos inerentes à condição humana, que não derivam de nenhum Ordenamento Jurídico”.

“Os jus naturalistas” – afirma o autor logo adiante também em seu livro – “sustentam a existência de direitos fundamentais que a própria natureza concedeu ao homem e que o direito positivo não teria condições de criar, podendo apenas reconhecê-los. Logo, não é o direito, mas a natureza que concede ao homem as faculdades que lhe são próprias”.

Através da argumentação contida em seu livro, Quinteiro procura esclarecer que todos aqueles que foram “perseguidos, presos, torturados e assassinados (...) no período do governo ditador de 1964 a 1979, ou em qualquer outra época, têm direito à indenização decorrente dos danos morais causados pelo governo militar; no caso, prescrição de direito à indenização dos ex-presos políticos inexistente (...) por se tratar de dano causado pelo Estado contra os mencionados atributos da personalidade humana, quais sejam, a vida, a honra, a liberdade, integridade física, dentre outros. Portanto, com segurança, todos os perseguidos e/ou presos políticos do Brasil têm direito à indenização por danos morais. Enquanto subsistir a lesão, poder-se-á reclamar o direito à indenização. Esse direito não prescreve jamais!”

Ou seja, Wilson Quinteiro proclama uma verdade que nós, anarquistas, de há muito já sabemos: OS CRIMES DO ESTADO (e do capital, acrescentaríamos) CONTRA O CIDADÃO NÃO PRESCREVEM NUNCA, e deverão ser julgados sempre pelo tribunal maior da liberdade, da humanidade e da história. É preciso não esquecer que os anarquistas também pagaram seu tributo aos anos de chumbo, principalmente no Rio de Janeiro. Aqueles que se interessarem em conhecer melhor as teses do autor, sua atuação e/ou adquirir seu livro poderão contatá-lo pelo e-mail: wilsonquinteiro@globo.com.

M. Lopes

NOTÍCIAS LIBERTÁRIAS

I Seminário de História do Anarquismo: Não poderíamos esquecer de comentar o sucesso do I Seminário de História do Anarquismo, realizado nas dependências da UFF, em Niterói, no mês agosto. Nos dois dias do evento, as mesas de palestras foram assistidas por um auditório completamente lotado, bem como as várias oficinas tiveram uma excelente frequência. Nossos parabéns aos organizadores que, com certeza, enfrentaram toda sorte de dificuldades, mas que se empenharam para o sucesso do evento. Que as falhas na organização tenham fortalecido a certeza de que é na Ação Direta que aprendemos, crescemos e melhoramos. Através deste evento fez-se claro a necessidade da realização de muitos outros, contribuindo assim para o despertar das consciências libertárias e a construção de um mundo novo.

Semente em Lisboa: Em Lisboa, no mês de setembro, a partir de uma iniciativa de militantes anarquistas da Biblioteca dos Operários, está se organizando um amplo debate sobre a criação de uma *Federação Anarquista da Região de Lisboa (FARL)*. A base de discussão para as primeiras propostas, aos demais grupos convocados, foi a Carta de Princípios da *Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ)*, devidamente adaptada aos interesses dos referidos organizadores.

A Ressurgência: Foi publicado em setembro o segundo número do jornal anarquista sindicalista *A Ressurgência*, apoiando a luta pela reintegração dos demitidos e punidos pelos governos anteriores, pelas comissões de base e contra os pelegos da *Federação Única dos Petroleiros (FUP)* e da CUT, comprometidos com as diretrizes governamentais. Em seu editorial, *Pela Ação Direta dos Trabalhadores!*, afirma que “os anarquistas, para a viabilização das transformações revolucionárias, sempre prescreveram a participação popular direta, a organização horizontal e a gestão coletiva dos meios de produção. Como metodologia, a Ação Direta!”. Contatos para *A Ressurgência*: Caixa Postal 15.001; CEP 20155-970; Rio/RJ e aressurgencia@hotmail.com.

A FARJ nas Jornadas Libertárias do Porto: Na cidade do Porto, em Portugal, aconteceram, entre os dias 24 e 30 de outubro, as Jornadas Libertárias. As atividades, abertas ao público, foram realizadas no espaço do *Grupo Ecológico Terra Viva*, que atua desenvolvendo algumas ações e fazendo a propaganda de alternativas para a organização da sociedade na região. No primeiro dia, foram exibidos filmes, houve uma exposição de livros e aconteceu uma conferência sob o título: “O Legado Libertário”. No sábado, os organizadores levaram os participantes para um passeio histórico-militante pelos espaços ocupados por antigas sedes de sindicatos e lugares relacionados com a memória anarquista do Porto. A parte da tarde foi preenchida por vídeos, leitura de poesias e canções alusivas ao anarquismo. No final da tarde, com muito interesse, houve a audição do depoimento do operário Manuel Reis, já falecido, sobre episódios importantes do sindicalismo português nos anos 20, do século passado. No dia 26, foram apresentados painéis versando sobre: Sindicalismo, Ecologia, Veganismo, Defesa Animal, sobre a Abstenção Eleitoral e Antiglobalização. Neste dia, a convite dos organizadores e com a concordância dos presentes, houve, a partir da presença de um militante da FARJ, uma longa exposição dos desafios enfrentados pelos libertários no Brasil na era Lula, e sobre a situação do movimento anarquista organizado no Rio de Janeiro. Nos dias seguintes aconteceram exposições de vídeos com a proposta de discussão dos temas e enredos apresentados nos mesmos. Foram dias de muito entusiasmo, estreitamento de relações e propaganda, para interessados de toda a natureza. Participaram do encontro: membros da AIT- Seção Portuguesa, *Centro de Cultura Libertária (CCL)* de Almada, *Mídia Independente de Portugal (Azine)*, *Centro de Estudos Libertários de Lisboa (A Batalha)*, o coletivo editorial do “Fisga”, da *Biblioteca dos Operários de Lisboa* e anarquistas de várias partes do país e do próprio Porto, bem como alguns companheiros@s brasileiro@s. A FARJ saúda e apóia as atividades dos companheiros do Porto.



ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: FARJ 2. CP 15001. CEP 20155-970. RIO/RJ * LETRALIVRE. CP 50083. CEP 20062-970. RIO/RJ * COL. DOMINGOS PASSOS. CP 100570. CEP 24001-970. NITERÓI/RJ * CCS/SP. CP 2066. CEP 01060-970. SÃO PAULO/SP * ANA. CP 78. CEP 11525-970. CUBATÃO/SP * MLPL. CP 146. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * APPL. CP 053. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * NUELCA. CP 14. CEP 48000-970. ALAGOINHAS/BA * FCL. CP 10.115. CEP 58109-970. CAMPINA GRANDE/PB * JULI. CP 308. CEP 95001-970. CAXIAS DO SUL/RS * MAP/BA. CP 185. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * FAG. CP 5036. CEP 90041-970. PORTO ALEGRE/RS * FACA. CP 1206. CEP 66017-970. BELÉM/PA * CL. CP 1000. CEP 78005-970. CUIABÁ/MT * CNA. CP 294. CEP 01059-970. SP/SP * COMLUT. CP 768. CEP 13001-970. CAMPINAS/SP * GRAP. CP 768. CEP 69010-970. MANAUS/AM * CRAP. CP 584. CEP 14801-970. ARAQUARA/SP * OPÚSCULO LIBERTÁRIO. CP 15. CEP 11401-970. GUARUJÁ/SP * AFIM. CP 2744. CEP 59022-970. NATAL/RN * CCL-FL. CP 88. CEP 44001-970. FEIRA DE SANTANA/BA * MOTIM. CP 77. CEP 29146-970. CARIACI/ES * RLBS. CP 99. CEP 11010-970. SANTOS/ES * GASA. CP 11. CEP 29390-970. IJUA/ES * CCMA. CP 665. CEP 01059-970. SÃO PAULO/SP * BARRICADA LIBERTÁRIA. CP 5005. CEP 13036-970. CAMPINAS/SP